

## CEMITÉRIO ISRAELITA - UM BAIRRO DE TRADIÇÃO JUDAICA NA CIDADE CEMITERIAL CATÓLICA DE PELOTAS

ANDERSON PIRES AIRES<sup>1</sup>; ESTER JUDITE BENDJOUYA GUTIERREZ <sup>2</sup>

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas – [anderson.pires.aires@gmail.com](mailto:anderson.pires.aires@gmail.com)

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas – [esterjbgutierrez@gmail.com](mailto:esterjbgutierrez@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

As mudanças na maneira como o morto foi tratado através dos séculos provocaram transformações nos centros urbanos de diferentes sociedades. A localização das necrópoles ocorreu junto ou afastada das cidades, as inumações aconteceram de formas mais rudimentares ou mais elaboradas conforme os costumes foram alterando-se e continuaram modificando-se segundo culturas específicas. Já no século XIX, a tradição católica de sepultamento no interior de igrejas e outros templos religiosos foi alterada frente às novas determinações de higiene que se propagaram pelo mundo.

Com isso, foram construídas cidades cemiteriais comandadas por irmandades religiosas católicas em várias vilas e cidades brasileiras na segunda metade do século XIX. Um desses locais foi Pelotas, onde erigiu-se o Cemitério da Santa Casa de Misericórdia. A irmandade que tinha o mesmo nome dado ao cemitério passou a controlar as concessões de terrenos dentro do campo santo e determinar como ocorreria o urbanismo cemiterial. Além disso, as arquiteturas que fossem construídas deveriam representar a religiosidade antes vista no interior das igrejas.

Isso prevaleceu até as primeiras décadas do século XX, quando um bairro cemiterial utilizado por judeus foi anexado ao terreno do Cemitério da Santa Casa e passou a apresentar características da tradição judaica no urbanismo e na arquitetura desse espaço. Diante disso, o estudo justificou-se pelo fato de abordar as variações que ocorrem nos bairros cemiteriais e para demonstrar que, mesmo em local católico, as tradições de outra cultura prevaleceram. A abordagem resultou de investigações pertinentes à elaboração da dissertação de mestrado **A cidade cemiterial: Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (1855-1976)**, desenvolvida pelo autor.

### 2. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento da pesquisa foi necessária uma revisão bibliográfica que contemplasse a organização das cidades cemiteriais católicas do século XIX e as tradições da cultura judaica e suas implicações nos bairros cemiteriais destinados aos judeus. Isso foi possível através do estudo de autores como Antonio Motta, que em seu livro **À flor da pedra** identificou a organização urbana, arquitetônica e social nos cemitérios brasileiros do século XIX, e de Airton André Gandon Cardoso *et al*, que no capítulo **Cemitérios judaicos de Porto Alegre: uma leitura sociocultural** analisaram a organização e as tradições israelitas na necrópole.

A partir disso, foi possível realizar um levantamento de campo junto ao Cemitério do Centro da Sociedade Israelita Pelotense e identificar como ocorreram as inumações. Para isso, foram coletados dados como nome das

peçoas inumadas, suas respectivas datas de falecimento e as três tipologias construtivas tumulares presentes no cemitério judeu. Com as informações obtidas, e a utilização do Mapa Urbano Básico de Pelotas do ano de 2017 e de uma imagem de satélite do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas de 2012, pôde-se contemplar o bairro cemiterial judeu, atentando à sua organização urbana e à sua arquitetura, resultantes da tradição israelita.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A instalação de cemitérios municipais afastados das cidades durante o século XIX representou a concessão de poderes às irmandades religiosas católicas que ficaram responsáveis por suas administrações. Elas passaram a decidir como esses espaços que representavam cidades dedicadas aos mortos seriam organizados. Em Pelotas, a cidade cemiterial comandada pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia foi um dos exemplos dessas determinações que provinham do continente europeu.

A forma de organizar o espaço resultava do cruzamento de duas grandes avenidas e a consequente divisão em quatro quadras regulares. Paralelas a essas avenidas, formavam-se alamedas menores dentro dos quadros resultantes da divisão (MOTTA, 2009). Esse modelo de urbanismo foi repetido durante as ampliações pelas quais a cidade cemiterial de Pelotas passou e nos bairros que foram criados ainda no século XIX. Mas na década de 1890 alterações na legislação provocaram mudanças nas cidades cemiteriais.

Segundo Rodrigues (2005), com a Lei da Secularização dos Cemitérios, de 1891, aqueles que não fossem católicos teriam permissão para serem sepultados em cemitérios católicos. Essa determinação possibilitou que no século XX um bairro de origem judaica fosse erigido junto à necrópole pelotense. No ano de 1920, Miguel Galanternick, que foi responsável pela organização de uma das sociedades judaicas que existiam na cidade (GILL, 2001), comprou um terreno destinado à construção do Cemitério do Centro da Sociedade Israelita Pelotense (Instituto Cultural Judaico Marc Chagall [ICJMC] – **Entrevista nº 409** – Ainda Galanternick).

Essa iniciativa fazia parte da tradição israelita, que previa a instalação de uma Sinagoga e um cemitério em locais onde fosse possível reunir um *Minian*<sup>1</sup> (BENDJOUYA, s.d., no prelo). Com a aquisição desse espaço para receber os corpos daqueles que seguiam a religião judaica, um novo bairro passou a ser organizado no ano de 1922, quando Ida Galanternick faleceu (GILL, 2001). Diferentemente da organização urbana dos cemitérios católicos, que era praticada desde o século XIX e resultava do cruzamento de duas grandes avenidas (Figura 1a), o bairro judeu da cidade cemiterial foi dividido em duas quadras cortadas por uma avenida central (Figura 1b).

A diferenciação se dava segundo a tradição que os associados do Centro da Sociedade Israelita Pelotense seguiam. Para os judeus, homens e mulheres deveriam ficar separados dentro da necrópole. Os corpos daqueles eram colocados do lado direito da avenida e os corpos destas no lado esquerdo (Cardoso *et al*, 2008). Isso fez com que o modelo católico fosse deixado de lado. O bairro judeu seguiu a organização característica das necrópoles israelitas. Mas as diferenças não ficaram somente na urbanização desse bairro cemiterial.

---

<sup>1</sup> Número mínimo de dez homens com mais de 13 anos de idade. Essa era a condição mínima para a prática de orações coletivas judaicas (BENDJOUYA, s.d.).

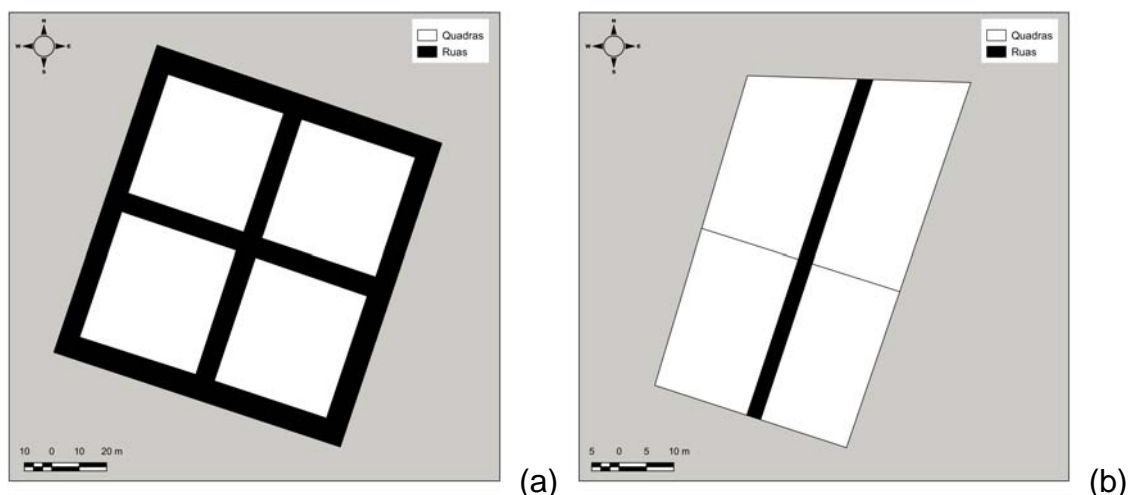


Figura 1: Organização urbana dos cemitérios católico (a) e judeu (b).

Fonte: Elaborado por Anderson Pires Aires (2017), com base no Mapa Urbano Básico de Pelotas (2017) e na imagem de satélite do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (2012). In: Secretaria Municipal de Gestão da Cidade e Mobilidade Urbana de Pelotas.

A primeira delas era representada por um túmulo retangular com campa simples contendo alguma identificação do morto. Era a sepultura rasa. A segunda, a tipologia torre, recebia uma pequena torre sobre a campa. Nas faces desse elemento vertical eram registradas informações sobre o defunto e algumas escritas em *idish*<sup>2</sup>. A terceira tipologia, de menores dimensões, era a carneira judaica. Ela comportava corpos de crianças ou pessoas menores e não possuía campa. As identificações eram feitas em uma das faces verticais da construção.



Figura 2: Arquitetura cemiterial dos bairros católico (a) e judeu (b).

Fonte: Acervo pessoal de Anderson Pires Aires (2017).

Com o tempo, parte da tradição judaica se perdeu. Homens e mulheres começaram a ser enterrados sem a distinção do quadro de sepultamento. Independente disso, a arquitetura e o urbanismo do Cemitério do Centro da Sociedade Israelita Pelotense não se alteraram. O urbanismo seguiu a divisão em dois quadros separados por uma avenida central. A formação das alamedas, assim como no cemitério católico, se deu conforme novos moradores chegavam ao local. Contudo, a arquitetura continuou sendo erigida com traços simples e seguindo apenas três tipologias.

<sup>2</sup> Língua falada pelos judeus da Europa Oriental. [ICJMC] – Entrevista nº 409 – Aínda Galanternick).

#### 4. CONCLUSÕES

Durante o século XIX a organização urbana e a arquitetura das cidades cemiteriais estiveram ligadas ao catolicismo presente nas necrópoles comandadas por irmandades religiosas. No século XX, bairros cemiteriais ocupados por pessoas de outras religiões mudaram o cenário desses espaços. Um exemplo foi o Cemitério do Centro da Sociedade Israelita Pelotense. Nele prevaleceram as tradições judaicas tanto no urbanismo quanto na arquitetura e isso diferenciou esse bairro dos demais presentes no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas.

Seguindo a tradição de separar homens e mulheres e de garantir uma igualdade entre os mortos, o bairro judeu da cidade cemiterial pelotense organizou-se em duas quadras separadas por uma avenida central. Essa característica rompeu com a organização católica de quatro quadras resultantes do cruzamento de duas grandes avenidas. Além disso, a arquitetura cemiterial judaica foi representada por três tipologias de linhas simples, com campas simples, com a presença de torres sobre elas ou na forma de carneira, diferente da católica, com diversas variações e o uso de estátuas e ornamentos.

Diante disso, foi possível observar que o bairro judaico presente na cidade cemiterial de Pelotas não seguiu o modelo dos demais bairros organizados ainda no século XIX sob o domínio católico. Ele garantiu que as tradições israelitas fossem perpetuadas na necrópole. Isso fez com que a cultura de um povo que seguia outra religião pudesse ser perpetuada dentro da cidade cemiterial católica, garantindo assim a manutenção da tradição dentro do Cemitério do Centro da Sociedade Israelita Pelotense.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENDJOUYA, Flora. **A imigração judaica no Rio Grande do Sul**: causas – aculturação – integração. Monografia (Pós-graduação em História da Cultura) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, s.d. No prelo.
- CARDOSO, Airton André Gandon; BARCELOS, Diego Vargas; CARRION, Fábio Aurélio Secco; RIBAS, Juliana Herte (2008). Cemitérios judaicos de Porto Alegre: uma leitura sociocultural. In: BELLOMO, H. R. (Org.) 2. ed. **Cemitérios do Rio Grande do Sul** – arte, sociedade, ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS. Cap. 18, p. 257-268.
- GILL, Lorena Almeida. **Clientelchiks**: os judeus da prestação em Pelotas (RS) – 1920-1945. Pelotas: EdUFPel, 2001.
- INSTITUTO CULTURAL JUDAICO MARC CHAGALL [ICJMC]. Acervo de História Oral. **Entrevista nº 409** – Ainda Galanternick. Projeto: Preservação da Memória Judaica. Depoimento: História de Vida.
- MOTTA, Antonio. **À flor da pedra**: formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. Recife: Editora Massangana, 2009.
- RODRIGUES, Cláudia. **Nas fronteiras do além**: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE GESTÃO DA CIDADE E MOBILIDADE URBANA DE PELOTAS. **Mapa Urbano Básico**. 2017.
- \_\_\_\_\_. **Imagem de satélite do Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas**. 2012.